

HISTÓRIA E LITERATURA: DIALÓGOS POSSÍVEIS PARA A FIGURA FEMININA EM ANA MARIA MACHADO

Maria Aliani dos SANTOS

Márcia TAVARES*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A IMAGEM DO FEMININO NA PRÁTICA SOCIAL

Por muito tempo a mulher se enxergava através do olhar masculino, pois ao longo do tempo os homens determinavam a forma de ser e agir do ser feminino, empregando uma dominação em torno desse ser. Essa cultura machista pendurou por séculos, sem que as próprias mulheres se questionassem sobre isso, ou fizessem de forma esparsada. Homens e mulheres tinham funções pré-estabelecidas, cujas definições se davam já na infância, pois a criança não tinha direito a opiniões e, principalmente o ser feminino que estereotipado na inserção do ambiente doméstico, tinha delimitado seu espaço pela sociedade. Assim, desde a infância a menina era educada para se dedicar ao lar. A esse respeito comenta Stein (1984) :

a mulher ocultava na família uma posição secundária, inferior ao homem, administrava as tarefas do lar, dirigia os trabalhos da cozinha, ocupava-se das tarefas de serviços de costuras e como mãe, tinha a responsabilidade da primeira transmissão de valores e do aperfeiçoamento moral dos filhos

Dessa forma, compreendemos que durante um longo tempo a mulher vivenciava o espaço puramente doméstico.

Além dessa imagem “do lar” a figura feminina também pode ser vista na sociedade como um ser de valor “menor”, quando se trata da sexualidade, tendo em vista que no espaço dito masculino a mulher ganha uma conotação de objeto, coisa, pois a ela fica a função de satisfazer os prazeres masculinos. Nesse sentido, há a formação de preconceitos que determinado perfil de mulher. De acordo com Afonso Romano, em seu estudo sobre a imagem da mulher nos textos literários “Da mulher para ser vista à mulher para ser comida”, geralmente “a mulata” e “a negra” eram vistas como “apetitosas”, revelando que a cor da pele passava a ser um traço decisivo na forma como a figura feminina deveria ser retratada na

sociedade, igualando-a “a objeto”. Dessa forma, o estereótipo feminino quando não aproximava do ambiente doméstico estava inserido no papel de “coisa”.

Com a evolução industrial ocorreram muitas transformações sociais e uma delas foi que a mulher passa a ser o personagem importante na prática social, enfrentando várias lutas e, pouco a pouco, inserindo-se no universo antes nomeado como masculino, quebrando regras, valores, ocupando diversos campos profissionais, antes instituídos para os homens. No século XX o ser feminino tem uma participação atuante na sociedade ampliando o seu espaço e sendo reconhecida como trabalhadora, cidadã, mulher e ser humano, sendo retratada por ela e como ela é.

É a partir desse contexto da imagem da mulher na sociedade que escolhemos a autora Ana Maria Machado, pois percebemos que ela além de dar autonomia a criança em seus textos, procura inserir a mulher como centro na suas narrativas, buscando romper com os modelos emblemáticos impostos para o feminino. Discutiremos essa perspectiva na análise da obra *Bisa Bia, Bisa Bel* (1982) através do esquadramento das personagens, as quais representam significativamente a mulher no passado, presente e futuro.

ANA MARIA MACHADO: UMA MULHER QUE CONSTRÓI PALAVRAS

Ana Maria Machado nasceu em Santa Teresa, Rio de Janeiro. Escritora, jornalista e artista, têm 33 anos de carreira e mais de 100 livros dirigidos a adultos e crianças, publicados no Brasil e em mais de 17 países (com mais de dezoito milhões de exemplares vendidos). É vencedora de diversos prêmios: como o da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto da obra (em 2001), considerado o maior prêmio literário nacional dado pela Academia Brasileira de Letras e o Hans Christian Andersen (em 2000), considerado o prêmio Nobel da literatura infantil mundial.

UM, DOIS E TRÊS: VOZES DE MENINAS SE ENTRELAÇAM EM ANA MARIA MACHADO

Na obra *Bisa Bia, Bisa Bel* (1982) nos deparamos com um universo cheio de imaginação e fantasia do mundo do faz-de-conta. Essas características fazem parte da infância, período em que o ser está construindo a sua identidade. Por isso fantasiar e inventar é uma forma de experimentar algo novo e desenvolver a criatividade. Assim cada criança possui algo inédito e singular que contribui para a construção do mundo, é dessa forma que o infante tem a possibilidade de estruturar-se como sujeito e desenvolver-se na sociedade.

Nesse sentido buscaremos verificar as vozes e os comportamentos das personagens Bisa Bia, Isabel e Beta para compreendermos como a figura feminina está retratada em diferentes épocas. O enredo começa quando Isabel chega da escola e vê sua mãe no quarto com uma caixa de madeira na mão, que havia encontrado durante a arrumação do quarto. Nessa caixa havia uma fotografia antiga de uma menina, Beatriz, a bisavó de Isabel:

a gente podia contar a história de Bisa Bia assim : dentro do quarto da minha mãe tinha um armário, dentro do armário tinha uma gaveta, dentro da gaveta tinha um envelope, dentro do envelope tinha um monte de retrato, dentro de um retrato tinha Bisa Bia .(p.7).

Nesse trecho a descrição do espaço em que a fotografia estava mostra como está bem guardada, a sua importância seu valor para a família, os segredos que trazia e as lembranças. Ao mesmo tempo revelam a estrutura da narrativa: uma história dentro de outra história, a história de Bisa Bia dentro da história de Isabel. Mas a imaginação de Isabel e suas curiosidades em saber tudo sobre a época da bisavó, transportam Bisa Bia para o plano real e está passa a conviver com a menina interiormente. Dentro desse contexto, a foto antiga da menina (Bisa Bia) trás para Isabel um mundo de fantasia proporcionando a ela um convívio mais íntimo com a sua bisavó. E esse contato é primordial para que possamos focalizar a mulher, pois Bisa Bia em um diálogo com a sua neta, Isabel, dá indícios da imagem imposta ao feminino em um certo tempo. De acordo com o trecho:

Mas agora, de repente, desde a hora em que vi aquela belezinha de retrato, ela passou a existir para mim, e eu ficava pensando nela, imaginando á vida dela , as coisas que ela fazia, o mundo no tempo dela . (p.13).

Percebemos que a personagem Isabel é quem conta a história, emitindo as suas experiências como criança e, ao mesmo tempo, verificamos o posicionamento da mulher. Esse fato revela tanto a voz da criança que por muito tempo não tinha esse direito de expressa-se, como o discurso feminino silenciado. Embora seja uma criança, já incorporou os valores impostos ao ser feminino.

E é através de Bisa bia que vamos desvendando descobrindo como era a sua infância e o espaço da mulher em sua época. Embora seja bisavó ela é apresentada na narrativa no momento de sua infância:

Uma menininha linda, de cabelo todo cacheado. Vestido claro cheio de fitas e rendas, segurando numa das mãos uma boneca de chapéu e na outra uma espécie de pneu de bicicleta soltinho, sem bicicleta, nem raio, nem pedal, sei, lá, uma coisa parecida com um bambolê de metal. (p. 9).

É através dessa descrição que percebemos a imagem de Bisa Bia como uma boneca, mostrando que a menina vestia-se como uma “princesa”, denotando os valores arraigados do universo feminino, os objetos descritos. Por exemplo, a “boneca” comprova que os próprios brinquedos desse momento deveriam levar a menina desde criança a se habituar com o modelo estereotipado para a mulher. Assim, o lugar ocupado para a mulher nessa época. Segundo Stein (1984, p.24), a mulher na sociedade da época tem como fator decisivo sua situação educacional, situação por sua vez condicionada exatamente pela preparação ao papel feminino a desenvolver as atividades do lar.

O laço familiar torna-se mais forte quando Isabel sente uma voz interior e descobre que é sua bisavó. Nesse instante surgem os diálogos: os momentos de descobertas para as personagens e através deles temos contato com a infância de Bisa Bia, que contrastam com o mundo de Isabel:

— Menina de sua idade não devia estar pensando em namoro, isso não fica bem. Menina de sua idade deve é brincar de roda, fazer comidinha, pular amarelinha, costurar roupa de boneca. (p. 39).

Nesse fragmento a voz de Bisa Bia revela uma infância mais idealizada e a figura feminina voltada para o ambiente doméstico, pois as brincadeiras sugeridas por ela são “brincar de roda, boneca, comidinha, amarelinha” que estão ligadas a esse ambiente. Isso constata uma perspectiva do passado, a mulher desde criança era educada para ser mãe e esposa, e não tinha o direito de escolher o seu esposo, os pais eram quem decidiam os rumos da vida das filhas como mostra Stein (1984,p.24):

o pai ou a família quem escolhia a profissão para os filhos e para as filhas o marido – ilustra bem a função social destinada a cada um (...) à filha era destinada o papel de mãe esposa, nesse sentido a educação para a mulher era baseada nos papéis sociais e no espaço atribuído a ela pela sociedade”.

Nesse contexto Isabel opõe-se a esse tipo de comportamento, ela é caracterizada na narrativa como uma menina independente, com opiniões próprias que ganha a voz na narrativa, contando toda a história. Dessa maneira podemos perceber que ela é a representação da menina contemporânea que busca romper com os modelos impostos para a figura feminina. Um dos dados em que se constatam essa figuração é o próprio estilo de Isabel vestir-se, que se contrapõe ao de Bisa Bia:

ela não gosta de menina usando calça comprida, short, todas essas roupas gostosas de brincar. (p.11)

Isabel gosta de usar camiseta, short e tênis, e brincar na rua com os seus amigos. O espaço da rua revela como nesta infância a figura feminina já tem mais liberdade. Esse dado aproxima-se de um novo modelo para a mulher rompendo as atribuições antes estabelecidas para elas. Assim o estilo de vestir de Isabel comparado ao de Bisa Bia é fundamental para que possamos verificar que as duas, além de estarem em épocas diferentes, são reflexos de ideologias e comportamentos totalmente antagônicos. Dessa forma, evidenciamos que Bisa Bia seria uma representação do modelo estereotipado para a figura feminina já Isabel seria a metáfora da mulher que tem ânsia por liberdade e caminha para inserção no espaço que antes era dito como masculino.

O fragmento abaixo evidencia a voz de Isabel a aproximação desse universo masculino:

Era justamente o que eu queria ouvir. Aí nem hesitei Xinguei um palavrão bem xingado (nem era dos piores, mas é que qualquer palavrinha pode ser um horror para os delicados ouvidos de Bisa Bia) e saí pela rua assoviando, vestida na minha calça desbotada, calçada no meu tênis, chutando o que encontrava pela frente. Bem moleca mesmo. Num instante estava encarapitada no muro. (p.320)

Esse trecho podemos compreender que Isabel tem um comportamento bem similar aos meninos e isso justifica o distanciamento da menina que era vestida como uma boneca

para evidenciar esse novo contexto de formas de falar, de comportar-se e participar das práticas sociais.

Se buscarmos os espaços masculinos dentro dessa narrativa praticamente não os encontramos, pois o tratamento dado a essa figura masculina é extremamente pequeno. Não temos indícios da imagem do pai como representação de um universo autoritário, tendo em vista que a mãe de Isabel é quem trabalha e, possivelmente, mantém a casa e a educação da filha. Como também a participação dos meninos é bem escassa, o único revelado é Sérgio, mas a sua participação não é tão grande, assim notamos que a figura feminina tem um espaço bem mais amplo na narrativa por estarem mais priorizadas.

A terceira menina que aparece na narrativa é por meio de uma voz interior, a de Beta (bisneta de Isabel) que vai opondo-se a todas as opiniões da Bisa Bia :

— Bisa Bia, a senhora me desculpe, mas não é nada disso. Bel não precisa fingir para ele. Aliás, ninguém tem nada que fingir para ninguém. S e ela tiver vontade de falar com alguém, vai lá, telefona, e fala. Pronto. (p.49)

Esse trecho é a fala de Beta e, como podemos notar, ela mostra que na sua infância o ser feminino mostra-se decidido, forte e diferente da conotação de alguém frágil. Pois o seu tempo está bem mais a frente, Beta é uma menina que transcende do futuro para o presente trazendo consigo todas as informações sobre o seu tempo e com isso faz o leitor refletir sobre as mudanças que ocorrem de uma época para a outra .

O fragmento a seguir mostra Beta apresentando-se a Isabel da mesma forma que Bisa Bia:

— Eu moro daqui a muito tempo, em outro século. Outro dia, minha mãe - que é a sua neta - estava dando uma geral, arrumando as coisa dela, e eu encontrei uma foto antiga, com uma menina que era a coisa mais fofinha deste mundo: VOCÊ! (P.51)

A partir do momento que surge a personagem Beta Isabel passa a ser interpelada por duas vozes duas figuras femininas uma do passado e outra do futuro. Através dos diálogos percebemos as divergências de opiniões:

Continuei sem dizer nada. Mas aí ouvi bem mais forte aquela outra voz que de vez enquanto me falava. E, desta vez, prestei atenção :

— Bisa Bia, a senhora me desculpe, mas não é nada disso. Bel não precisa fingir para ele. Aliás, ninguém tem nada que fingir para ninguém. Se ela estiver com vontade de falar com alguém, vai lá, ou telefona, e fala. Pronto. É tudo simples, para que complicar? (p.49)

Nesse trecho notamos que Beta tem uma visão mais moderna, pois aconselha Isabel a não fingir nada, ou seja, se ela gosta de Sérgio deve revelar através de atitudes, como telefonar para ele, ou até mesmo falar para ele. Assim compreendemos que essa menina se diferencia de Bisa Bia. Nesse sentido confirmamos que a educação da mulher tornou-se libertadora. Pois na sociedade atual a figura da mulher é um ser que domina não só espaço do lar mas também se insere no ambiente masculino desenvolvendo habilidades que antes eram atribuídas para homens.

E, além disso, a narrativa possui indícios de que Isabel gosta de Sérgio, um garoto da escola, esse sentimento vai além de uma simples amizade como podemos ver no trecho:

Quando Sérgio fez um carinho no meu cabelo e me deu um beijo. Ai, pronto, meu coração pulou tanto que eu perdi o equilíbrio. (p.37)

Então verificamos que faz parte da infância dela o namoro, e isso a afasta completamente da de Bisa Bia, nesta não havia liberdade para falar sobre assuntos como: namoro, casamento, sexo, e além disso, a mesma não tinha interesses, por ter uma visão idealizada e restrita sobre os mais variados temas. Por sua vez Isabel tem mais liberdade, conversa sobre esses temas e está sempre buscando mais informações sobre tudo.

Se pensarmos na idéia de casamento na época da bisavó, Isabel, poderíamos entender que não passava de uma forma da mulher deixar a casa dos pais, estes davam ordem para o convívio com o esposo este, por sua vez, seria após o casamento o detentor das ordens. Um outro dado interessante é sobre a idade em que as meninas se casavam, segundo Stein (1984;31) “as moças casavam muito cedo, com trezes anos ou quatorze anos se entrasse na casa dos vintes já podiam ser consideradas solteironas”. Isso reforça a idéia de que a figura feminina não tinha direito de escolha e a sua certeza era apenas de que teria filhos e se ocuparia das tarefas domésticas:

— olha, Bisa Bia quer saber de uma coisa? Isso tudo foi muito antigamente. Hoje em dia, é justamente o contrário. Menina do meu tamanho não casa, não. Mas namora, se quiser, saber? Namoro de menina, que é diferente de namoro de mulher maior, mas é namoro, sim. E, na hora de casar, não são mais os pais que resolvem. É agente mesma. Estamos inventando um novo jeito novo para essas coisas, sabe?(p.40)

Como podemos ver a voz de Isabel questiona sobre uma nova conotação do casamento, em que as mulheres possam fazer as suas escolhas e dirigirem a sua vidas. Diante disso é possível compreendermos que o ser feminino conquistou o seu lugar na sociedade e a convicção de quem deve lutar por seus projetos, conquistar seu espaço, criando formas de convivências que fuja da dominação da figura masculina sobre ela.

Quando pensamos nas brincadeiras que Isabel participa encontramos traços que inserem a figura feminina no contexto de uma ambiente com característica bem masculina, se levarmos em consideração os tipos de brincadeiras:

Quando cheguei, a brincadeira já ia começar e pelo jeito, ia ser um jogo que eu adoro, um pique – bandeira bem animado, daqueles de muita correria mesmo.(p.18)

(...) corre - que – corre, pula - que – pula, foge - que - foge, o cartão de moldura do retrato toda hora machucava minha barriga.(p.18)

Essas brincadeiras são comumente atribuídas ao espaço masculino, ou seja, essa menina transita de um espaço que na época da sua bisavó Bisa Bia era restrito apenas para meninos, para ARIÉS (1986, p.115) esses jogos de esconde – esconde e jogo do assovio se tornam brincadeiras de criança. Nesse sentido não poderemos determinar de forma restrita como brincadeira de menina ou de menino no contexto atual da sociedade contemporânea.

Diante disso verificamos a desativação do lugar ocupado pelas mulheres anteriormente pois a marcação de espaços só para homens perdem essa conotação, já que desde a infância confirmamos que a menina não veste “aquelas roupas enfeitadas de fitas,” já não tem apenas bonecas como foco exclusivo para brincadeiras e podem conversar sobre assuntos como sexo, namoros e trabalho. Nessa conjuntura Isabel tem traços de uma infância bem mais liberal e moderna juntamente, com a personagem Beta que transcende do futuro para o presente, ou seja, temos nessas duas meninas uma metáfora da figura feminina no contexto da sociedade contemporânea. Essas são significativas por sugerir uma ruptura com o

estereótipo da mulher do passado representado através da imagem da bisavó Bisa Bia, que fala das suas experiências revelando que a mulher na sua época ocupava uma posição voltada para ambiente doméstico .

A narrativa *Bisa Bia, Bisa Bel* (1982) é constituída pela polifonia, entre vozes exteriores e subjetivas das personagens, há uma identificação da personagem Isabel com o leitor infantil no sentido de reconhecimento da identidade feminina, construída pela linguagem no emaranhado de vozes. Isabel se afirma e se instala no mundo da cultura. Isabel, Beta e Bisa Bia são os fios da trança humana que unidas fazem a imagem do ser feminino em cada época que essas personagens representam.

Dessa forma, a narrativa contribui para compreendermos essa nova roupagem da mulher que se insere no universo contemporâneo conquistando a sua liberdade nos variados segmentos sociais: sexualidade, educação, trabalho, ou nas mais diversas práticas sociais. Sendo assim o texto de Ana Maria Machado não impõe modelos, mas prioriza a figura feminina nas suas obras para, só assim, falar das conquistas no âmbito feminino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS. Philippe. **Sentimento de infância**: Historia social da criança e da família. 2.ed. Rio de Janeiro: 1986.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1990

KHÉDE, Sonia Salomão. **Personagem da literatura infantil-juvenil**. 2. ed. São Paulo: Ática,1990.

LOPES, Eliana Marta Texeira . **Lendo e escrevendo Lobato**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel**: 3.ed. São Paulo: Moderna, 2001.

OLIVEIRA, Maria Rosa D.e PALO, Maria José. **Literatura infantil voz de criança**. São Paulo: Ática, 1980.

STEIN, Ingrid. **As figuras femininas em Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **O Canibalismo Amoroso**. São Paulo: Rocco, 1993.

SANDRONÍ, Laura Constância. **A estrutura do poder em Lygia_Bojunga Nunes**. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1980.

ZILBERMAN.Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed.São Paulo: Global,2003

* Graduação em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (1997) e doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade Federal da Paraíba (2002). Atualmente é professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e colaboradora no Mestrado em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e Literatura- Infante Juvenil.